

COMO LER O MUNDO DE HOJE COM PAULO FREIRE

Folha Explica é uma série de livros escritos para que o leitor possa refletir sobre um tema ou um autor na perspectiva atual. É o que fez Fernando José de Almeida, professor da PUC-SP e vice-presidente da TV Cultura, apresentando a vida e a obra de Paulo Freire. Muitos têm sido os autores que, sob diferentes ângulos, analisaram Paulo Freire. Fernando Almeida faz isso com uma linguagem simples e comunicativa, entrelaçando os principais conceitos e temas de sua filosofia educacional.

O livro da *Publifolha* pode ser lido por um grande público: ele não se destina apenas àqueles e àquelas que não conhecem Freire, mas também àqueles que já conhecem sua obra, pois ele traz novas abordagens, contextualizando-as a cada página. Com rigor e precisão, desfila, diante do leitor, cada conceito freiriano. Não exagero afirmando que se trata de leitura saborosa e que seduz o leitor a prosseguir até o fim. Os capítulos fluem com leveza.

O pano de fundo é a atualidade de Freire. Como ler o mundo de hoje com Freire. E isso é ainda mais adequado numa época em que alguns gostariam de deixar Freire no passado, na história das idéias pedagógicas, seja por não concordarem com ele por suas opções políticas, seja por não querer mexer na cultura opressiva de ontem e de hoje que ele denunciava. É isso que nos mostra Almeida. Ele atualiza Freire e afirma que “Freire é mais necessário do que nunca. Mas um Paulo Freire *reinventado*, como ele mesmo queria” (p. 68).

É claro que cada leitor de Freire faz essa leitura dentro de sua ótica. E o olhar de Almeida transparece nos temas e conceitos que mais destaca: religião, universidade, currículo, tecnologias da informação. Ele não faz uma exegese de Freire. Isso seria chato e, certamente, desagradaria a Freire. Ele coloca na base do pensamento de Freire “a vivência da situação do país, mais especificamente de seu estado, Pernambuco e de sua cidade, Recife” (p.42). A leitura do mundo como método freiriano se explica nessa preocupação sempre presente em Freire de contextualizar e sistematizar a experiência. Em Freire “a aprendizagem é sempre situada” (p. 52). Ele teria desenvolvido “um novo conceito de leitura – e com ele um novo conceito de escrita” (p. 26).

Fernando Almeida nos diz que “a maior contribuição teórica de Paulo Freire foi ter ligado suas propostas educativas ao pensamento dialético de Marx, às proposições cristãs de Emanuel Mounier” (p. 9). Essa é também a opinião do filósofo alemão Wolfdietrich Schmied-Kowarzik que afirma em seu livro *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire* (Brasiliense, 1983, p. 69) que a originalidade de Freire foi ter “entrelaçado temas cristãos e marxistas”.

No capítulo 3 Fernando Almeida destaca a importância do diálogo, o caráter dialógico do seu pensamento e do seu método da leitura do mundo para se libertar, para se emancipar. Não basta incluir. É preciso emancipar. E lamenta que “todo o trabalho de Paulo Freire, todos os anos de exílio, todos os festejos na sua volta, não ajudaram o país a fazer a lição: dar direito à leitura e à escrita a seus cidadãos” (p. 28). E conclui: “o pensamento de Paulo Freire nos abala e ao mesmo tempo nos sustenta. Abala porque incomoda nossas seguranças; e nos sustenta porque anuncia algo solidamente novo” (p. 45). O seu legado não pode ser considerado uma contribuição à educação do passado, mas à educação do futuro.

Um livro precioso. Estou recomendando a todos os meus amigos e amigas.

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire
Professor titular da Universidade de São Paulo.

PS. Para não dizer que o livro é “perfeito” gostaria de destacar alguns detalhes que não comprometem o texto de Fernando Almeida, mas que, se forem corrigidos numa próxima edição, poderiam melhorar o rigor da obra:

1. Na nota 1 da página 13 ele afirma que a primeira obra de Paulo Freire publicada no Brasil foi *Pedagogia do oprimido*, em 1974. Na verdade, a primeira obra de Paulo Freire publicada no Brasil foi *Educação como prática da liberdade*, publicada em 1967 (como, aliás, está escrito na página 39). *Pedagogia do oprimido* foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1970 e não em 1974.

2. Na página 15 ele fala da emenda constitucional de João Calmon, que é de 1983 (não de 1976 como está no livro), “que obriga a União a aplicar 12% das receitas dos impostos e os Estados e Municípios 24%”. O correto é 18% para a União e 25% para Estados e Municípios.